

A consciência da missão

OBITUÁRIO Dom Paulo Evaristo Arns nunca abandonou os oprimidos e os deserdados

POR MIGUEL MARTINS

Em outubro, dom Paulo Evaristo Arns compareceu ao seu último evento público, uma homenagem no Teatro da Universidade Católica, em São Paulo, ao seu aniversário de 95 anos. Com dificuldades para se expressar, o arcebispo emérito contou com os amigos de longa data para lembrarem a importância de sua trajetória à frente da Arquidiocese paulistana, posição ocupada pelo cardeal entre 1970 e 1998.

Um de seus principais auxiliares durante seu arcebispado, o bispo dom Angélico Sândalo Bernardino resumiu com eloquência a passagem terrena do sacerdote. “Ele é descendente de alemães, mas o rosto dele é da periferia de São Paulo. Quando imagino dom Paulo, eu o imagino com o cheiro do povo, misturado aos bispos, padres, religiosos, leigos e leigas, anunciando a urgência de resistirmos contra toda a mentira.”

Símbolo da luta contra a ditadura e defensor incondicional da justiça social, dom Paulo só não conseguiu resistir aos efeitos do tempo. Na quarta-feira 14, morreu após complicações pulmonares que resultaram em uma falência múltipla dos órgãos.

Enquanto um dos mais destacados defensores do povo brasileiro recebia os últimos cuidados no Hospital Santa Catarina, o Congresso aprovava em

definitivo o congelamento de gastos sociais e impunha um arrocho de 20 anos aos habitantes mais pobres do País. Recentemente, a emenda à Constituição que limita o aumento dos gastos públicos foi duramente criticada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, posição reveladora da perenidade das lições franciscanas de dom Paulo sobre os clérigos brasileiros.

Em 1972, o arcebispo foi um dos principais responsáveis pelo Documento de Brodóski, texto da CNBB que denunciava as prisões arbitrárias, a tortura e o desaparecimento de perseguidos políticos após a aprovação do Ato Institucional nº 5.

A atuação de dom Paulo, para quem “não fazer política é a pior maneira de fazer política”, abriria em definitivo as portas da Igreja Católica a fiéis e leigos perseguidos pelos militares. A partir de 1973, ele passou a celebrar cerimônias religiosas na Catedral da Sé que se confundiam com atos políticos.

Naquele ano, o assassinato pelos militares do líder estudantil Alexandre Vannucchi Leme, da ALN, foi respondido com uma missa-protesto. Em 1975, o arcebispo organizou um ato inter-religioso em homenagem ao jornalista Valdimir Herzog, torturado e morto pela repressão.

Dom Paulo também foi fundamental para a afirmação da Teologia da Libertação, doutrina comprometida com



a promoção da justiça social, e a consolidação das Comunidades Eclesiais de Base, que buscavam substituir a supremacia das paróquias na organização da vida religiosa pela valorização de comunidades menores.

O arcebispo teve de interceder em favor de expoentes da Teologia da Libertação, entre eles Leonardo Boff. O teólogo foi alvo de um processo doutrinário na Congregação para a Doutrina da Fé por causa de críticas às instituições católicas tradicionais. No interrogatório conduzido pelo então cardeal Joseph Ratzinger, que mais tarde se tornaria o papa Bento XVI, dom Paulo defendeu Boff e convidou Ratzinger a “visitar as Comunidades Eclesiais no Brasil e rezar com o povo”.

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA



TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 40

Entrevista. O ex-ministro Jaques Wagner fala da crise política e da Lava Jato



Acolhedor, principalmente nos momentos sombrios

O arcebispo seguiu à frente da Arquidiocese até 1998. Nos últimos anos, seu estado de saúde agravou-se, mas não o impediu de comparecer a homenagens. Em 2016, a celebração dos 50 anos de sua ordenação episcopal e de seu aniversário de 95 anos revestiu-se de fortes críticas ao governo de Michel Temer.

Na celebração realizada no Tuca em outubro, dom Angélico buscou na trajetória de dom Paulo uma inspiração para o atual momento político. “Naquele tempo, a luta era contra a ditadura civil-militar, mas a resistência a que ele nos convida deve ser permanente no Brasil atual também.”

Na ocasião, dom Paulo dedicou um breve discurso a Santo Dias, ativista sindical assassinado no fim da ditadura, e vestiu um boné do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Em tempos políticos sombrios, ele fez questão de valorizar a luta dos mais desfavorecidos em seu último ato público. Uma postura que reforça um de seus maiores ensinamentos: “Deus só ajuda a quem se organiza”. •

UM RARO HERÓI

POR MINO CARTA

Dom Paulo se foi na iminência da chegada de Cristo e eu me ponho a imaginar que poderia ter sido um papa tão extraordinário quanto Francisco, com quem compartilhava o amor pelo santo, ele mesmo franciscano, de grande cultura e imensa bonomia. Mais reservado do que Bergoglio, talvez, mas não menos dotado de senso de humor, mais do que o comum dos mortais pudesse supor, mais do que o general Ernesto Geisel, que o detestava, fosse capaz de entender.

E me ocorre recordar o culto ecumênico que dom Paulo celebrou na Catedral da Sé de São Paulo, na sexta 1º de novembro de 1975, no sétimo dia da morte de Vlado Herzog, assassinado na masmorra da ditadura da Rua Tutoia, no bairro singularmente chamado de Paraíso. Estavam com o cardeal arcebispo no altar o reverendo Wright e o rabino Sobel, a representarem um universo religioso mais simples, infinitamente mais simples do que o atual, e mais puro, mais honesto, me parece, no confronto.

Tratou-se do primeiro e forte desafio aos ditadores e aos seus mandantes, a turma da casa-grande que o tinha como subversivo de ocasião, dado tanto à hipocrisia quanto ao exibicionismo. Sete mil pessoas lotaram as naves da catedral, enquanto comandos do Exército bloqueavam as entradas da praça e atiradores de elite não escondiam os canos hirtos dos seus fuzis nas janelas dos prédios que a cercam. Não foi o bastante para impedir que os fiéis da democracia acoressem em número

muito superior ao esperado e previsto pelos descrentes. Recordo, comovido, a afabilidade de dom Paulo ao me apresentar a dom Helder Câmara na sacristia, antes da cerimônia.

Com dom Paulo se vai um extraordinário pastor de almas e de vida e um grande brasileiro, um dos nossos raros heróis. Não sou católico praticante e ele, com quem mantive uma sólida amizade, feita de respeito, admiração e muito carinho, jamais cuidou de me mudar. Sabia haver muitas formas de ser cristão.

